

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



Celentano, Maria Silvana, CHIRON, Pierre, NOËL, Marie-Pierre (eds.): *Skhèma | Figura. Formes et figures chez les anciens* (Paris, Éditions Rue d'Ulm, 2004).

Esta publicação, resultante do colóquio franco-italiano «*Skhèma/Figura*» (Paris-Créteil, 27-29 mai 1999), propõe-se de algum modo reabilitar a teoria das figuras, muitas vezes considerada a principal (senão a única) herança válida da retórica clássica e hoje negligenciada devido a diversos factores. Pretende-se, como dizem os editores no *avant propos* (resumido na contracapa), colocar as figuras no seu contexto: no *corpus* em que se inserem; no conjunto constituído pela retórica antiga com as suas vertentes, prática e especulativa, as suas finalidades, «poética» e crítica, e as tradicionais operações, *inuentio, dispositio, elocutio, memoria* e *actio*; no contexto mais vasto, constituído também pelas pesquisas concorrentes e contíguas dos gramáticos e dos filósofos antigos sobre a representação e a expressão (p.9). Outro aspecto fecundo é o fito de estabelecer a conexão entre as teorias antigas e modernas.

Consideramos feliz, pela sugestão de dinamismo, a escolha da imagem da capa, o Atlas de Miguel Angelo (que já figurava no cartaz do colóquio), que os editores, depois de urna breve dissertação sobre o âmbito semântico do termo «figura», justificam da seguinte forma: "ao sublinhar a dinâmica e a potencialidade plástica da forma aprisionada no bloco de pedra, esta imagem evoca precisamente a natureza particular da «figura», compreendida neste sentido mais lato, que quisemos explorar".

A publicação divide as vinte e duas contribuições em três partes a que correspondem os seguintes títulos: I: *Les figures avant les figures*; II: *Rhétorique, grammairie et philosophie*; III: *De la critique à l'esthétique littéraire*.

A primeira parte começa com um estudo lexicológico de Michel CaSEVITZ que, depois de relacionar μ com com ? (tema do aoristo) e ? (tema do presente), o aproxima do tema do futuro () do verbo : pelo que, de acordo com o sentido intransitivo do verbo, adquire o sentido de 'atitude', 'maneira de se apresentar', e no estilo representa a forma que este adopta. Além de analisar as ocorrências e significados de palavras da mesma família em vários autores gregos, o autor comenta a tradução do termo em latim (*figura, ornamentum, habitus*) e em francês, para concluir que «figura» é a palavra que melhor corresponde actualmente ao termo grego μ .

Outros estudos visam abordar as figuras no contexto da sua criação: Jacques JOUANNA explora a noção de *Schema* na literatura hipocrática (p. 47-63); Maria Luisa CATONI analisa *schema* no âmbito da imitação da vida real na arte figurativa e, de modo especial, das figuras da dança, como meio de exprimir determinados valores (p. 89-112). Aldo BrancaCCI estuda os conceitos de *tropos* e politropia em Antístenes (p. 65-75).

Intercalados surgem estudos sobre o uso de algumas figuras em determinados autores antigos. Françoise Létoublon, e Franco Montanari, procuram estabelecer a história da metáfora homérica do «*coeur de fer*» (p. 31-46). Das metáforas existentes nos poemas homéricos, já notadas por Fränkel, estes autores analisam as que se referem ao ferro, ao cobre e à pedra em ligação com órgãos internos do corpo humano. Verificam que tais expressões se encontram sempre no discurso e nunca na narrativa, pelo que devem corresponder a fórmulas convencionais bastante arcaicas, indiciadoras de um grupo estratigráfico da língua que não está conforme ao modo de expressão pessoal, da idade do ferro, mas que remonta a tempos anteriores, uma vez que referências à pedra e ao bronze são forçosamente anteriores às que se referem ao ferro, material que os aedos conhecem. No entanto é o material mais recente, o ferro, que dá origem às fórmulas mais rígidas da epopeia homérica, que certamente repousam sobre usos arcaizantes da pedra e do bronze, substituídos na época da fixação da epopeia. Paul Demont trata a teoria e prática do estilo periódico em Isocrates (p. 77-87), de forma a estabelecer a ligação entre a teoria da eloquência apresentada por aquele autor, onde parece figurar o estudo do «período», e o estilo que ele usa na prática.

A segunda parte inclui estudos que versam essencialmente sobre retóricos, gramáticos e filósofos antigos. Quanto a estudos lexicológicos, Frédérique Idefonse compara as diferentes ocorrências em Aristóteles da expressão μ ? ? (figuras de expressão), para tentar esclarecer o significado de μ nesta fórmula, em correlação com μ <3 ? (figuras de predicação) (p. 143-157); Jean Lallot analisa o termo *schema* nos gramáticos gregos, de modo especial enquanto enquanto «figura» de palavras e «figura» de frases (159-168).

Luigi Spina, a partir de anedotas, que Séneca o Velho relata sobre os oradores Pórcio Latrão e Albúcio Silo, coloca o problema da relação entre figuras e língua comum e de como tornar os factos evidentes, escondendo os artificios retóricos, para, no final, salientar o valor argumentativo e persuasivo das figuras, «sem as quais se pode certamente viver, mas não se pode comunicar (p. 201-213)». Carlos LÉVY estuda as figuras de retórica no *Orator* de Cícero, dando aos *lumina* (denominação de 'figura' original de Cícero) um valor político de eloquência livre (entretanto cerceada pela ditadura de César) e um âmbito filosófico que preanuncia do pensamento ciceroniano, expresso mais tarde em *Academica*, sobre luz e sombra no conhecimento (p. 229-241).

Sobre recursos mais específicos, Lúcia CALBOLI Montefusco e Catherine Dalimier debruçam-se sobre a metáfora segundo Aristóteles: a primeira procura demonstrar, na perspectiva do fundamento lógico (p. 115-126), que o procedimento metafórico implica sempre um movimento parabólico particular / universal / particular, que está na base do *paradeigma*, a segunda propõe-se reabilitar e precisar a função cognitiva da metáfora a partir do uso em tratados científicos do

Estagirita (127-141). Adriano Pennacini procura as bases clássicas da noção de estranhamento em Aristóteles, Cícero, Quintiliano e Frontão (p. 215-228): particularmente este último sustenta que o *uerbum insperatum atque inopinatum* leva o leitor e o ouvinte a um conhecimento e compreensão nova das coisas.

Gualtiero Calboli examina a formação dos neologismos segundo as doutrinas dos peripatéticos dos estoicos e dos gramáticos de Alexandria, no que se refere à formação de palavras, do interesse da gramática, e à teoria das figuras e tropos, do interesse da retórica (p.169-186). Maddalena Vallozza, ao estudar a teoria da *pronuntiatio* de Quintiliano, salienta, na secção respeitante à voz, a influência de modelos helénicos, evidenciada pela abundância de termos gregos (p.187-200).

O âmbito da terceira parte vai da crítica à estética literária. Philippe HeuzÉ parte da relação do termo 'figura' com *lingo* e apresenta marcas de plasticidade de versos latinos (p.245-250). Maria Silvana Celentano analisa alguns recursos do espaço cómico, como ironia, metáfora, hipérbole, simulação e dissimulação, ambiguidade do enunciado (p.251-261). Jacqueline Dangel estuda a presença de uma arte pré-retórica em fragmentos de poetas republicanos (Lívio Andronico, Névio, Pacúvio, Ácio, Lucilio) (p. 263-281). Paolo Fedeu examina o recurso ao *exemplum* em Propércio (em particular o recurso aos mitos), não apenas como *lusus* literário, mas expressão do gosto daquele autor pela narrativa que o leva a perspectivar histórias remotas à luz das exigências da poesia de amor, exaltando a liberdade do poeta que lhe permite desrespeitar estruturas fixadas (283-300). Alain Billault estabelece a relação entre teoria e prática das figuras no tratado *Do Sublime*, atribuído a Longino: uma teoria fundada sobre exemplos, porque formulada a partir do comentário dos autores que utilizaram as figuras, e usada na prática pelo próprio autor, que, ao expor as suas próprias ideias, se apresenta, por isso, mais como um artista que como um teórico (301-314).

Estelle OUDOT verifica que, nas *Vidas de Sofistas*, Filóstrato não faz em geral uma análise detalhada das figuras de estilo e de pensamento, mas, nos excertos que cita, deixa que elas surtam efeito por si mesmas. No entanto, uma figura em particular glosada por Filóstrato (o enigma), leva OUDOT a concluir, generalizando, que os *schemata* são o ponto de contacto entre a palavra de deus do sage e do sofista (315-326). Esta perspectiva é, de certa forma, retomada por Alain Michel que se propõe examinar a forma como escritores e poetas combinam as figuras para obter efeitos de estilo ou ornamento do discurso. Centra-se no paradoxo de que, sendo destinadas a iluminar o estilo (os *lumina* de Cícero), acabam, como se verifica pela leitura de vários autores, por torná-lo mais obscuro, mas a aliança de luz e sombra mostra que as figuras implicam frequentemente a ambiguidade que nasce do diálogo entre o juízo e a forma, entre a filosofia e a sofística (327-334).

No final de cada capítulo apresenta-se uma bibliografia específica. A encerrar a obra três índices — um de passos citados, um de autores antigos e um de autores modernos — facilitam ao leitor a abordagem pretendida.

Da reunião, num só volume, de contribuições de retóricos, linguistas e filósofos, resulta uma obra complexa, que valoriza a interdisciplinaridade e as conexões entre gramática, retórica, filosofia e história da literatura, numa procura de estabelecer os fundamentos da teoria das figuras e de a conciliar com a teoria literária moderna.

José Luís Lopes Brandão

MONTEMAYOR ACEVES, Martha Elena: *Fragments Vaticanos*, Traducción, introducción, notación e índice de palabras (México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2003).

Trata-se da tradução anotada em língua espanhola de um dos escassos exemplos da literatura jurídica anterior ao *Digesto* de Justiniano. Sobrevive um só manuscrito (*cod. vat. lat. 5766*), descoberto na forma de palimpsesto pelo cardeal Angelo Mai, em 1821, na Biblioteca Vaticana: uma compilação de autor desconhecido, do século IV d. C., contendo 341 fragmentos, organizados por assuntos, de *iura* (obra dos juriconsultos Ulpiano, Paulo e Papiniano) e de *leges* (constituições emanadas de imperadores). A organização por ordem temática, e não cronológica, faz com que o compilador alterne as constituições imperiais com os fragmentos dos juriconsultos. Além disso, o facto de os *Fragments Vaticanos* conterem grande quantidade de textos que são considerados aditamentos posteriores leva alguns eruditos a verem no manuscrito uma composição de vários estratos.

Os F.V., apesar de serem considerados de menor importância para o estudo do direito romano, têm o mérito, como sublinha a tradutora no preâmbulo, de conservarem textos de juristas que não se encontram em outras fontes e de apresentarem os escritos na forma original, sem o tipo de modificações que os compiladores do *Digesto* introduziram.

A obra começa com um estudo introdutório no qual se faz a descrição geral dos F. V., se discute o lugar e a data da composição, se tenta determinar o seu objectivo (ou objectivos), se enumera os vários subtítulos que dividem a obra, se procura interpretar o sentido e objectivo dos escólios e glosas, se buscam as fontes (os autores dos *iura* e os imperadores a quem são atribuídas as *leges*), e, finalmente, se indicam as várias edições (a mais antiga, da autoria de A. Mai e F. Bluhme, é de 1823, apenas dois anos depois da descoberta do manuscrito) e uma tradução espanhola (Tecnos, Madrid, 1988).